



ISSN: 25270605

Florianópolis, v. 20, n. 1, jan./jun. 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET) PEDAGOGIA
NÚCLEO EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS (ERER)



Editorial

Jéferson Silveira Dantas

Tutor PET/ Pedagogia/ UFSC

Lucas Daeni

Bolsista PET/ Pedagogia/ UFSC

O *Boletim Abiodum* é uma publicação do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Com circulação desde 2011 e edição semestral, busca trazer para o debate os quatro eixos temáticos trabalhados pelo Grupo. Nesse ano de 2023 procuramos estreitar os laços formativos com o PET da Educação do Campo, o que gerou o primeiro *Conversas de Escola e de outros lugares* do semestre 2023/1, com o tema da Agricultura Sustentável e palestra proferida pela Professora Doutora Thaíse Costa Guzatti, Tutora do PET/EDUCAMPO.

Mas, não foi só! Iniciamos uma importante aproximação/interlocução com o Colégio de Aplicação para tratarmos da Educação para as Relações Étnico-Raciais e as Ações Afirmativas na UFSC, tendo em vista que muitos/as estudantes provenientes das escolas públicas do entorno da nossa Universidade, hoje estudam no Colégio de Aplicação. Além disso, estamos lendo/estudando no momento “Ensinando a Transgredir - a educação como prática da liberdade”, de bell hooks.

Aos poucos retomamos as atividades do ‘Contarolando’ e estamos ativos nas proposições do Curso de Graduação em Pedagogia. Essa edição também denuncia as chacinas cometidas pelo aparato repressor estatal nas periferias do Brasil, tendo como alvos crianças negras, uma chaga histórica permanente num país tão desigual, perverso e profundamente racista! A professora Jeane Vanessa do Departamento de Estudos Especializados em Educação do CED nos concedeu uma belíssima entrevista. Há poemas de nossas/os bolsistas, registros do “Sarau da Costeira” e o reconhecimento da importância da Cátedra Antonieta de Barros.

Assim, na procura de ferramentas adequadas para a construção de um viver mais humano e de justiça social, abordamos nessa 20ª publicação algumas estratégias pedagógicas de combate na luta antirracista.

Esperamos que apreciem essa nova edição do *Abiodum*! Boa leitura e boas reflexões!

EXPEDIENTE

Conselho editorial: Débora Cristina Araújo (UFES), Eliane Debus (UFSC), Etelvino Guila (Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique), Jéferson Silveira Dantas (UFSC), Joana Célia dos Passos (UFSC), Maria Aparecida Rita Moreira (Rede Estadual de Educação/AENSC), Paulo Vinícius Baptista da Silva (UFPR).

Coordenação: Lucas Daeni.

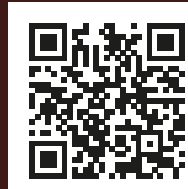
Colaboradores da edição: Aline Rosa de Abreu, Ariel Souza, Camila da Silveira, Manuely Amaral de Souza, Jeane Vanessa Santos Silva, Jéferson Silveira Dantas, Lucas Daeni.

Trabalho técnico: Lucas Daeni (revisão); Andrei Cavalheiro (diagramação).

Endereço: Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, Trindade, Florianópolis, SC, 88040-900.

LEIA TAMBÉM AS
EDIÇÕES ANTERIORES:

[https://petpedagogiaufsc.
paginas.ufsc.br/abiodum/](https://petpedagogiaufsc.paginas.ufsc.br/abiodum/)



PORTA-POEMA

...

Era um grupo de meninos negros
e um jardim.

Algumas flores ao lado de vários cravos.
E aqueles meninos
tinham acabado de florescer...

Lucas Daeni

Bolsista PET/ Pedagogia/ UFSC

A ESCOLA QUE QUEREMOS

A escola que queremos...

A escola que queremos
está longe da que temos.

Queremos uma escola
onde nós sejamos bem-vindos.

Queremos uma escola que fale sobre nós.

Queremos uma escola que possa ecoar
nossas vozes e se fazerem acolhidas.

Queremos uma escola que permita
a plena construção e reconhecimento
de nossas identidades,
que há muito tempo vem sendo negada.

Queremos uma escola que nos respeite
e nos trate de igual para igual.

Queremos nós, não poucos, que nessa escola
tenhamos os mesmos direitos
e oportunidades que os brancos.

Queremos nós pretos, queremos nós negros,
queremos nós indígenas, uma escola
onde nossa história, nossa cultura
e nossa ancestralidade se faça presente!

Camila da Silveira

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

HOMENAGEM À SOLIMAR CARNEIRO

Lucas Daeni

Bolsista PET/ Pedagogia/UFSC

Com profundo respeito e pesar, homenageamos nesta edição Solimar Carneiro, ativista antirracista brasileira, fundadora e diretora do Geledés, que fez sua passagem para o Orun no dia 11 de julho de 2023, aos 66 anos.

Figura 1: Solimar Carneiro.



Fonte: Geledés (2023).

Solimar teve atuação fundamental e pioneira para os movimentos negros no país. Em 1988, fundou e, de 2003 a 2010, foi diretora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, onde nossa mais velha atuava fortemente na inserção da população negra no mercado de trabalho, principalmente na capacitação de mulheres negras e na exigência de respeito ao Hip-Hop como expressão cultural e plataforma de manifestação política da juventude negra.

Um dos muitos exemplos de pioneirismo em sua história pode ser constatado com o Projeto Rappers. Desenvolvido de 1992 a 1998, o Projeto nasceu de uma demanda real da população jovem negra e periférica da cidade de São Paulo: se expressar através do rap sem ser agredida e detida pela polícia militar por desacato à autoridade. Na época, Geledés tinha um serviço de assistência

jurídica gratuita para vítimas de discriminação racial e violência sexual chamado SOS Racismo, foi quando essa juventude oprimida chegou ao Instituto pedindo ajuda. Desse contato nasceu uma parceria a frente do seu tempo, entre uma ONG e grupos de rap, que se tornou referência no país no combate à discriminação que essa juventude sofria por fazer música de denúncia contundente contra a violência estatal, ajudando a consolidar o gênero como o conhecemos hoje. Inclusive, dia 11 de agosto de 2023, dia do nascimento do Hip Hop, foi lançado o documentário “Projeto Rappers: A Primeira Casa do Hip Hop Brasileiro - História e Legado”, confira na nossa seção de indicações “Cabaça da Vida”, no final do

periódico.

Esse é apenas um pincelar do legado de Solimar Carneiro, conhecida por seu pensamento estratégico - buscando sempre formar novas lideranças para a luta - e aglutinador. Portanto, que honremos seu legado e continuemos a luta que ela travou para que hoje estivéssemos aqui.

Salve Solimar Carneiro!

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Natália. Geledés, 2023. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/solimar-carneiro-fundadora-de-geledes-instituto-da-mulher-negra-faz-sua-passagem-para-o-orun/>>. Acesso em: 22 set. 2023.



HOMENAGEM AOS NOSSOS MAIS NOVOS

Lucas Daeni

Bolsista PET/ Pedagogia/UFSC

Homenageamos também nesta edição Gabriel Silva da Conceição Júnior (10 anos, Salvador - BA), Thiago Menezes Flausino (13 anos, Cidade de Deus - RJ) e Adriano Lima Gregório dos Santos, o Naninho (12 anos, Florianópolis - SC). Todos eles são Abiodum: Nascidos em Tempos de Guerra! Mas eles apenas nasceram, pois foram mortos ainda crianças pela Polícia Militar de seus respectivos estados - fruto de uma maquiagem grotesca do Estado brasileiro chamada Guerra às Drogas que esconde o rosto fúnebre e maligno do Genocídio de um povo: matar uma criança é matar três vezes, no mínimo, morre o presente e o futuro que aquela criança representava e morre também o passado, na figura de seus familiares, mães e pais, que perdem a vida junto.

Os casos de Gabriel e Thiago ocorreram no final do mês de julho e início de agosto de 2023. Segundo familiares, Gabriel brincava na frente de casa quando foi alvejado. Ele estava

brincando! - o que, segundo as pesquisas da área da educação, é o dever de uma criança para desenvolver sua inteligência, sua capacidade imaginativa, fundamental para que ela adquira a capacidade de ler e escrever, por exemplo. Olha o que RAMOS (2017) diz sobre isso: "Tudo a ver, porque foi graças a eu ter podido ser criança em minha plenitude, ter brincado muito, sem amarras ou preconceitos, que pude exercitar o imaginário e a fantasia, primordiais na infância." (RAMOS, 2017, p. 214). Precisamos constatar: nossas crianças negras e moradoras de periferias urbanas têm o direito de brincar, de se desenvolver enquanto ser humano? Não podemos, enquanto sociedade, mas principalmente enquanto pedagogos e pedagogas, admitir uma barbárie dessas! Defender apenas dentro da universidade que a brincadeira é fonte de desenvolvimento intelectual para as crianças, sem lutar para que elas tenham de fato o direito de brincar - SEM SEREM MORTAS - é, no mínimo, hipocrisia, cinismo, falta de compromisso ético e político com nossa profissão, com nossa gente, com nossa

própria humanidade. Não podemos mais alegar ignorância!

O que foi que fizemos? Onde erramos? Que educação tiveram esses servidores públicos de segurança? O fato é que esses homens treinados para matar já foram crianças e algo muito errado aconteceu: seria sua formação, sua educação? Quando foi que passamos a ensinar adultos a matar crianças? Quando foi que isso passou a ser aceitável? Nossa pedagogia está a favor de todas as crianças? Seria o racismo o - único - elemento que autoriza a desumanização de crianças negras e sua morte sem a menor comoção nacional?

Não vai ficar assim não...

Figura 2: Naninho.



Fonte: Ponte (2023).

Figura 3: Thiago Menezes.



Fonte: Extra (2023).

Figura 4: Gabriel Silva.



Fonte: A Verdade (2023).

REFERÊNCIAS

MARQUES, Jessica. O que falta esclarecer sobre a morte do adolescente de 13 anos na Cidade de Deus. *Extra*, 2023. Disponível em: <<https://extra.globo.com/rio/casos-de-policia/noticia/2023/08/o-que-falta-esclarecer-sobre-a-morte-do-adolescente-de-13-anos-na-cidade-de-deus.html>>. Acesso em: 22 set. 2023.

MOURA, Matheus de. Naninho tinha 12 anos e o sonho de ser MC. Foi visitar o primo e acabou morto com um tiro no pescoço. *Ponte*, 2020. Disponível em: <<https://ponte.org/naninho-tinha-12-anos-e-o-sonho-de-ser-mc-foi-visitar-um-primo-e-acabou-morto-com-um-tiro-no-pescoco/>>. Acesso em: 22 set. 2023.

Polícia Militar da Bahia assassina criança de 10 anos na porta de casa em Lauro de Freitas. *A Verdade*, 2023. Disponível em: <<https://averdade.org.br/2023/08/policia-militar-da-bahia-assassina-crianca-de-10-anos-na-porta-de-casa-em-lauro-de-freitas/>>. Acesso em: 22 set. 2023.

RAMOS, Anna Claudia. A hora e a vez da criança. In: DEBUS, Eliane; BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; BORTOLOTTI, Nelita (Org.). *Literatura Infantil e Juvenil: pelas frestas do contemporâneo*. Tubarão: Copiart, 2017.

RELATO CONVERSAS DE ESCOLA E OUTROS LUGARES: A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AS AÇÕES AFIRMATIVAS NA UFSC

Camila da Silveira

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

Lucas Daeni

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

Uma das atividades desenvolvidas pelo grupo do PET Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina é o “Conversas de Escola e de Outros Lugares”, um projeto de extensão. A nomenclatura “conversas de escola” foi inspirada nas ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas nos anos 2000 pelas docentes tutoras que compunham o PET Pedagogia à época, Vânia Beatriz Monteiro e Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin, algumas ações foram sistematizadas em duas publicações: o Boletim impresso e um livro com esse nome. Ao longo de suas edições são trazidas discussões importantes que potencializam a formação inicial e continuada de educadores que atuam em diferentes espaços educativos, bem como, muitas vezes, saberes outros que são pouco debatidos no decorrer do curso de pedagogia.

No dia 06/07/23, aconteceu o último “Conversas de escola e de outros lugares”, do semestre 2023.1, com uma temática para lá de importante: A educação para as relações étnico-raciais e ações afirmativas na UFSC, contando com a presença da professora Marina Soligo, Diretora de Ensino no Colégio de Aplicação, da psicóloga Iclícia Viana, da Coordenadoria de Relações Étnico Raciais e Mobilidade Social (COEMA) - pertencente à Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Equidade (PROAFE), bem como da participação da Bárbara Nobre Simão, também da COEMA-PROAFE.

A discussão realizada mostrou-se bastante elucidativa para todos, pois, embora esteja presente dentro da Universidade e inclusive dentro do curso de pedagogia, ainda não é tão aprofundada. Tomamos conhecimento das políticas de enfrentamento ao racismo institucional na educação básica, que é ainda, como disseram, o começo de uma grande luta que se iniciou dentro da Universidade, através

de algumas medidas que foram sendo tomadas, como políticas de enfrentamento ao racismo, acolhida e apoio às vítimas, políticas de cotas; um trabalho conjunto bastante importante.

Durante as discussões com o grupo que compunha a plateia, tivemos relatos de experiências, de práticas de enfrentamento e luta, bem como dúvidas sobre como a UFSC trabalha no enfrentamento ao racismo que permeia a instituição. Pois, no semestre passado, tivemos uma grande onda de neonazismo aterrorizando a Universidade com atos racistas, machistas e homofóbicos, palco de grande revolta e medo, mas também de discussão, resistência e luta.

Apareceu ainda na fala das convidadas a definição de conceitos como raça, racismo, democracia racial e afins. Para além de ressaltarem também o caráter pedagógico, preventivo e permanente das políticas de combate ao racismo dentro da Universidade, e não apenas punitivo.

Importa também ressaltar que o que motivou a realização desse encontro formativo foi a constatação de que há um número considerável de estudantes do Colégio de Aplicação UFSC com dificuldades de aprendizagem - ou seria uma dificuldade de ensinagem das(os) professoras(es)? Nesse sentido, o PET Pedagogia foi acionado para realizar um apoio pedagógico com esses e essas estudantes e, para tanto, era necessário um panorama de quem e quantos são esses sujeitos. Constatou-se pela exposição da professora e diretora de ensino Marina Soligo que os fatores raça, gênero e vulnerabilidade social (classe), influenciam consideravelmente os desempenhos, com acentuada desvantagem para os meninos negros.

Assim, ao se informar sobre a realidade da escola e de seus(as) estudantes, o grupo PET partirá para a ação de apoio pedagógico de modo focado e consciente dos desafios. Vale ressaltar ainda que a formação se destinava não apenas aos integrantes do PET Pedagogia, mas também - e principalmente - às professoras e professores do colégio, mas apenas três professoras compareceram.

CÁTEDRA ANTONIETA DE BARROS: EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE RACIAL E COMBATE AO RACISMO

Aline Rosa

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

No dia 20 de Março de 2023, às 19h, aconteceu no auditório do Centro de Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina, o evento intitulado: Cátedra de Combate ao Racismo e Promoção da Igualdade Racial: Um projeto em construção, para oficializar a implementação da Cátedra Antonieta de Barros: educação para a igualdade racial e combate ao racismo. A mesa foi composta pelas professoras doutoras Joana Célia dos Passos, atual vice-reitora de nossa Universidade, e por Elia Avendaño Villafuerte, professora da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

A professora doutora Elia Avendaño contribuiu com relatos sobre as desigualdades raciais e as lutas de combate a essa realidade no México, onde metade da população é composta por pessoas indígenas, e um dos países com maior número de população afrodescendente da América Latina, sucedendo apenas o Brasil, Colômbia e Venezuela. A vice-reitora Joana Célia dos Passos, por sua vez, fez uma contextualização das lutas de combate ao racismo travadas na UFSC nos últimos anos, e apresentou a Cátedra Antonieta de Barros, assim nomeada para homenagear a professora, jornalista, política e escritora Antonieta de Barros (1901-1952), uma das três primeiras mulheres eleitas no Brasil, e a primeira mulher negra a compor o parlamento do governo brasileiro. Uma referência nacional que em sua trajetória profissional e política se dedicou a combater o analfabetismo e a lutar por uma Educação que fosse para todos, em um contexto inóspito para essas reivindicações. Sua história faz jus a esta e a todas as demais homenagens que honrarem seu nome.

A Cátedra é composta por quatro eixos, sendo eles: Ações afirmativas e políticas antirracistas; Educação e direito à infância; Educação das Relações Étnico Raciais (ERER); e Educação e Saúde. As atividades seriam

iniciadas com um estudo de quais grupos da UFSC já trabalham com temas relacionados aos eixos, para posteriormente buscar o diálogo com outras instituições, visando torná-la um polo de referência para a área.

Uma Cátedra é uma instância acadêmica que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão de grande relevância para a Instituição. Portanto, a implementação desta na véspera do Dia Internacional de Luta Contra a Discriminação Racial, foi um evento que marca a história da luta antirracista na Educação, construída por movimentos sociais e por intelectuais seriamente comprometidas com sua urgência, como as professoras Joana Célia dos Passos e Elia Avendaño Villafuerte! Como Antonieta de Barros!!!

Informações sobre as atividades que vêm sendo desenvolvidas pela Cátedra podem ser encontradas no site da UFSC e na página @catedraantonietadebarros no Instagram.

Figura 5: Antonieta de Barros.



Fonte: Firminas (2023).

REFERÊNCIAS

MESQUITA, Andrea. Mulheres que inspiram: Antonieta de Barros, deputada que criou o dia do professor. Firminas, 2021. Disponível em: <<https://www.firminas.com.br/2021/10/14/deputada-antonieta-de-barros-dia-do-professor/>>. Acesso em: 22 set. 2023.

PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO: EBÓ EPISTÊMICO

Aline Rosa

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

DESCOLONIZAÇÃO: Atos paridos nos vazios daquilo que se arroga o único curso possível. Defesa, ataque, ginga de corpo, malandragem que contraria, esculhamba, rasura, transgride, desmente e destrona o modelo dominante.

(Luiz Rufino)

No campo acadêmico, destronar o modelo dominante tem sido o exercício de intelectuais que compreendem a urgência de uma mudança epistemológica, não apenas relevante academicamente, mas necessária para nossa sobrevivência enquanto espécie e para a sobrevivência da vida no planeta como um todo, pois sabe-se que o que a modernidade chamou de Novo Mundo e de civilização, estruturado nos moldes do colonialismo, nos submete às consequências cada vez mais agravantes de um sistema que há séculos visa a exploração da natureza e do homem (separado da natureza por esse sistema) para se manter.

Este é o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Projeto de Pesquisa e Extensão Ebó Epistêmico, coordenado pelas professoras doutoras Alexandra Eliza Vieira Alencar e Flavia Medeiros Santos, ambas professoras do Departamento de Antropologia da UFSC. O Projeto é vinculado à disciplina Estudos Afro-Brasileiros, ofertada pelo Curso de Ciências Sociais, e foi iniciado com o propósito de divulgar os trabalhos realizados pelos estudantes da disciplina, o que vem tomando proporções maiores dada a sua potencialidade, como eventos abertos para toda a comunidade acadêmica.

O título do projeto faz referência ao pensamento do professor doutor em Educação Luiz Rufino. A palavra ebó nos chama a atenção, e sua definição no site do referido projeto está apresentada da seguinte forma: “ebó é uma palavra de origem iorubá que consiste em um ritual de base africana, criado para reequilibrar os aspectos da vida de um indivíduo”. Fazendo uso desta palavra e de seu significado, Rufino denomina como ebó epistêmico o exercício de adotar a

descolonização do pensamento como uma perspectiva de ação, no campo intelectual, e em todas as esferas da vida (RUFINO, 2019). Esta também é a aposta de outros intelectuais que são referências para o autor, como Frantz Fanon em *Peles Negras, Máscaras Brancas* (2008), e Ailton Krenak em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), entre outros. Podemos compreender então, que os trabalhos desenvolvidos neste Projeto de Pesquisa e Extensão visam exercitar o que Rufino nomeou como Ebó Epistêmico.

Nesta breve apreciação do Projeto, dentre as muitas atividades desenvolvidas, gostaríamos de destacar brevemente a segunda edição do evento *Fazendo cruzos com antropologias, artes e museologia*, que aconteceu no último dia 7 de junho na UFSC. Esta edição teve como tema *Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como educação*, inspirado no estudo que os integrantes do Projeto Ebó Epistêmico realizaram do livro *Pedagogia das Encruzilhadas* (2019), de Luiz Rufino. O evento teve uma programação diversa com exposição artística, performances, feira de alimentos e uma roda de conversa sobre o tema escolhido, presencialmente com os convidados Iyá Bárbara Furlan Marques (UFSC); Luck Yemonjá Banke (UFSC/Escola Livre Ubuntu de Florianópolis); Jesse Cruz (Universidade Federal de Santa Maria) e com a participação online do autor Luiz Rufino, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Participamos deste evento presencialmente como ouvintes, enquanto estudantes e futuros educadores, e enquanto bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) da Pedagogia, o qual tem como um dos eixos de pesquisa a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Somando-se a esta outras motivações políticas e ideológicas, a temática deste evento e as demais atividades que o Projeto Ebó Epistêmico vier a construir são muito relevantes para nós e, seguramente, para toda a comunidade acadêmica. Portanto, convidamos nossos leitores a conhecerem o Projeto acessando o site eboepistêmico.ufsc.br e a página do instagram [@eboepistemicoufsc](https://www.instagram.com/eboepistemicoufsc), e fiquem atentos para a terceira edição do evento que acontecerá

neste segundo semestre de 2023. Também trazemos na seção “Cabaça da Vida” a indicação do livro *Vence - Demanda: educação e descolonização* (2021) de Luiz Rufino.

Figura 6: Ebó Epistêmico.



Fonte:

https://www.instagram.com/p/CuX-vW_MzKW/

REFERÊNCIAS

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, Luiz. *Vence - Demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

UFSC, Ebo epistêmico [Instagram: @eboepistemicoufsc.]. Hoje é dia de #tbt! Nesta semana a 2ª edição do Fazendo Cruzos com Antropologias, Artes e Museologias - Pedagogias nas/das encruzilhadas: Exú como educação completa um mês de sua realização... Publicação. 06/07/2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuX-vW_MzKW/>. Acesso em: 23 set. 2023.

ENTREVISTA - JEANE VANESSA SANTOS SILVA

Lucas Daeni

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

Aline Rosa

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

Figura 7: Jeane Vanessa.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Finalmente aconteceu, no dia 16 de março de 2023 - após alguns anos de

questionamentos, invisibilizações (de sujeitos e epistemologias) e embates acalorados nas salas de aula do curso de Pedagogia da UFSC -, a Aula Inaugural do semestre intitulada *Uma Outra História da Filosofia*, com a professora doutora Jeane Vanessa Santos Silva, na ocasião, nossa única professora negra em exercício em toda a graduação.

Jeane é doutora em Filosofia nas áreas de Lógica e Epistemologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestra em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e licenciada em Filosofia pela Universidade de Sergipe (UFS).

A exposição da professora Jeane teve como foco a Filosofia Egípcia ou, melhor dizendo, Filosofia Kemética - Kemet é o nome que os próprios egípcios utilizavam para denominar sua Terra; Egito foi como os gregos a chamaram.

ABIODUM: Professora, já de largada, para situar nossas leitoras e leitores, o que a pedagogia tem a ver com a Filosofia

Kemética? Qual a relevância desse tema para um curso de pedagogia de uma Universidade Federal?

JEANE: O estudo da Filosofia Kemética tem bastante a contribuir na formação de professores, pois é uma visão de mundo alternativa à visão hegemônica eurocêntrica que tem servido como instrumento de dominação ao longo do tempo. Nesta concepção, o ser humano não está num conflito entre sua razão e sua sensibilidade, mas aprende numa jornada de autoconhecimento a equilibrar suas emoções. Para o povo de Kemet, a filosofia é uma ferramenta, como uma barca, que nos auxilia na travessia da vida, nos ajudando no exercício do discernimento que é fundamental para uma vida de escolhas. O barqueiro pode ser compreendido como o professor, aquele que sabe conduzir e dá lugar na sua barca para quem não tem meios para navegar.

ABIODUM: Como essa temática entrou na sua jornada acadêmica?

JEANE: No final do meu doutorado, em 2017, eu comecei por conta própria a estudar filosofia africana, o que não tinha nada a ver com a tese que eu estava desenvolvendo na época. Na minha jornada acadêmica até então, sempre tinha ouvido meus professores falarem que não existia uma filosofia propriamente africana, ou chinesa, ou qualquer filosofia que não fosse derivação grega. Só depois que eu me tornei professora da UFSC foi que eu tive liberdade para iniciar uma pesquisa de verdade sobre filosofia africana com a motivação de inserir os conteúdos que eu fosse descobrindo na disciplina Teorias da Educação que é própria dos cursos de formação de professores. Daí comecei pela filosofia mais antiga, que é a Kemética.

ABIODUM: Para quem já fez a disciplina de Filosofia da Educação no curso de Pedagogia da UFSC, não é novidade alguma constatar que toda a filosofia e o conhecimento apresentados - como universais - são, na verdade, europeus, sobretudo gregos. O que isso acarreta na formação de professoras e professores?

JEANE: Isso acarreta para todos em perda epistêmica. Deixamos de conhecer tudo mais que vai além daquilo produzido na Europa. Incluir conteúdos produzidos pelo pensamento Africano e Indígena certamente virá a auxiliar na capacitação dos professores em formação para a aplicação da Lei 10.639/2003. A realidade é que apesar de a lei existir há vinte anos, os professores ainda saem do curso de Pedagogia sem terem sido munidos do que é necessário para aplicá-la. Não estando preparados, professores e professoras fazem das escolas e universidades um lugar de produção do racismo, uma vez que informam a partir da sua docência que a produção intelectual e as contribuições para o desenvolvimento humano são exclusivamente de origem branca. Alguém que desenha uma suástica na parede da Universidade está reivindicando aquilo que aprendeu desde sempre nas instituições educacionais, a exclusividade branca nos espaços de poder. Para combater o racismo e o nazismo que se espalham, sobretudo no sul do Brasil, é urgente mexer no currículo em todas as instâncias educacionais, construindo um paradigma intelectual menos supremacista.

ABIODUM: Em 2003, houve a promulgação da Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas do país. No entanto, o que constatamos é que o curso de Pedagogia UFSC, atualmente, não dá conta de formar docentes qualificados(as) para garantir que essa lei se efetive nos currículos e na prática pedagógica escolares. Nesse sentido, em que medida a inclusão de epistemologias africanas, como a Kemética, nos currículos da formação inicial de professores pode contribuir para diminuir essa defasagem entre legislação e realidade escolar?

JEANE: Meio que já respondi na resposta anterior, mas vou desenvolver um ponto que tem mais a ver com a formação da subjetividade. As instituições educacionais, já desde a primeira infância, contribuem para a formação da subjetividade das pessoas, ou seja, da sua identidade, individualidade e auto-estima. Porque esse processo começa já na primeira infância, a atuação dos pedagogos

e pedagogas faz toda a diferença, por isso, essa é uma discussão talvez mais importante para a pedagogia que para outras áreas. Com exceções que confirmam a regra, as imagens às quais as crianças são submetidas na escola são esmagadoramente brancas. É comum que a primeira imagem de pessoa negra com a qual as crianças se deparam nos materiais didáticos seja a imagem de uma pessoa escravizada. Se fala dos indígenas como se eles não existissem mais. Fazem uma atividade no dia 20 de novembro e dizem que estão cumprindo a lei, mas no restante do ano não incorporam as contribuições magníficas que o povo negro e indígena deu para a construção do país em absolutamente todas as áreas. Esse modo de fazer a educação é racista e forma pessoas brancas para serem supremacistas, enquanto forma pessoas negras para desejarem ser brancas, o que quase sempre leva ao adoecimento psíquico. Quando a pessoa negra consegue constituir uma subjetividade positiva, quando ela consegue ter auto-estima, isso é alcançado apesar da escola. Não é à toa que a evasão escolar, a repetência e a discrepância entre idade e série é historicamente maior entre crianças negras. Quem não tem auto-estima aprende com mais dificuldade. Quando a escola é um lugar que faz o estudante se sentir inferior, ele não quer ir...

ABIODUM: Professora, gostaria de agradecer em nome do grupo PET Pedagogia pela disponibilidade para essa entrevista e pelo patrimônio cultural ancestral riquíssimo que sua vida e pesquisa nos traz. E, por fim, que conselho você daria para aqueles e aquelas estudantes que, diante do epistemicídio cotidiano presente na Academia, se sentem frustrados e desmotivados pela invisibilização e a falta de representatividade nas áreas do conhecimento em que atuam?

JEANE: Estudem para fazerem diferente daqueles professores e professoras que contribuem para que a escola e a universidade continuem sendo espaços produtores de racismo. Vão além do currículo padrão que é oferecido, e que é aplicado há séculos sob a desculpa de ser clássico, mas é intrinsecamente excludente. A luta por justiça epistêmica não poderá ser feita sem os docentes, então formem-se em docentes que venham a somar nesta luta. Não se trata de uma disputa teórica, mas de engajamento na luta por emancipação, o que inclui a emancipação da nossa intelectualidade.

EXTENSÃO PET - SARAU DA COSTEIRA

Lucas Daeni

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

Agora fora dos muros da Universidade, um evento-movimento comunitário de fomento da arte e da cultura merece destaque pela sua atuação na promoção do desenvolvimento humano e infantil no bairro da Costeira do Pirajubaé: estamos falando do Sarau da Costeira!

A última edição (de número 20!) foi realizada no dia 16 de Julho de 2023, sempre na praça central do bairro, conhecida como "a pista (de skate)". Organizado por moradoras e

moradores do bairro, todos trabalhadores - incluindo dois integrantes do PET Pedagogia -, o evento nasceu na segunda metade de 2018, a partir da constatação de que Jair Bolsonaro seria o próximo presidente da República e, portanto, nós como periferia precisaríamos amplificar nossa voz, criando espaços de denúncia, interação comunitária, solidariedade e fortalecimento de vínculos. Precisávamos mais do que nunca nos reconhecermos como iguais, enquanto classe trabalhadora com necessidades comuns. A arte e a cultura foram os elementos em torno dos quais nos reunimos.

Com o acontecer das edições, percebemos o quanto esse movimento era necessário. As opções de lazer no bairro, como periferia negligenciada pelo governo municipal, eram mínimas; as escolas básicas do bairro estavam fechando (hoje as duas estão fechadas); os estímulos para as crianças, precários. Apesar de sermos um bairro enorme, composto de milhares de trabalhadores e contribuintes, a única política pública que chegava (e chega) na Costeira é a de segurança pública, na forma de terrorismo policial.

Assim, assumimos o compromisso com nossa geração, principalmente a próxima, de promover e proporcionar, na medida de nossas forças, a maior quantidade possível de estímulos culturais, artísticos, cognitivos e de interação social, para extrair dela o maior desenvolvimento possível.

Por isso, nosso Sarau conta, em todas as edições, com brinquedos para as crianças, como cama-elástica, alimento para todos os presentes (essa edição contou com uma canjica maravilhosa) e atrações culturais: nesta edição tivemos Slam Xodó, com muita intervenção poética; Maracatu Arrasta Ilha, com uma oficina de instrumentos; Saia do Mar, fazendo uma linda roda de Samba de Coco; Discotecagem com Dj Telinho e, por fim, a inauguração da nossa Biblioteca Comunitária do Sarau da Costeira, que além do empréstimo de livros também disponibilizou três mesas de xadrez (que ficaram sempre cheias) e um espaço para as crianças desenharem e escreverem.

E estamos sós? Jamais! Todo dinheiro que custeia os gastos do evento é levantado a partir da contribuição de muitos e muitas apoiadoras; os livros da biblioteca foram adquiridos através de campanha de doação e, quanto à estrutura, contamos com a parceira ASCOP (Associação de Skatistas da Costeira do Pirajubaé); assim como as mesas pro xadrez foram fornecidas pela AMOCOP (Associação de Moradores da Costeira do Pirajubaé); os tabuleiros foram doados pelo professor Moro, professor de xadrez da UFSC e os cartazes de divulgação patrocinados pelo PET Pedagogia (que incluiu o Sarau da Costeira em seu planejamento anual de atividades). Enfim, seríamos completamente injustos se nos arriscássemos a citar nomes.

Confira um pouco do que rolou:

Figura 8: Cartaz 20º Sarau da Costeira.



Fonte: Sixartt (2023).

Figura 9: Maracatu Arrasta Ilha.



Fonte: Umaa (2023)

Figura 10: Fila da alegria.



Fonte: Umaa (2023).

Figura 11: Xadrez de cria(nça).



Fonte: Umaa (2023).

Figura 12: Cantinho das crianças.



Fonte: Umaa (2023).

Figura 13: Close delas.



Fonte: Umaa (2023).

Figura 14: Desenvolvimento cognitivo e motor.



Fonte: Umaa (2023).

Figura 15: Maracatu Arrasta Ilha.



Fonte: Umaa (2023).

Figura 16: Maracatu Arrasta Ilha.



Fonte: Umaa (2023).

Figura 17: Alegria ancestral.



Fonte: Umaa (2023).

Figura 18: Biblioteca Comunitária do Sarau em funcionamento.



Fonte: Umaa (2023).

Figura 19: Biblioteca Comunitária do Sarau da Costeira.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

ESCRITAS INSURGENTES - RELATO DO GRUPO DE ESTUDOS

Camila da Silveira

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

Manuely Amaral

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, bell hooks.

Este livro de bell hooks é bastante rico. Rico de vivências, de diálogos, de aprendizagens, de reflexões importantíssimas para nossa prática pedagógica com as crianças, bem como para a nossa vida, pois como se diz na expressão popular, este escrito se constitui um verdadeiro “tapa na cara”, uma vez que traz à luz a discussão de uma educação que precisa ser repensada e transformada à luz de uma prática para a liberdade, pensando na educação das relações étnico-raciais (ERER).

Trazendo assuntos extremamente relevantes, como a proposta da pedagogia engajada, noção do prazer em sala de aula e educação como libertadora, bell hooks nos questiona: que professores queremos ser? Vamos olhar para o fazer pedagógico como prática da liberdade ou praticar uma educação que reforça ainda mais as dominações? Ela nos faz pensar: quem somos antes de chegarmos à sala de aula? Sua proposta pensa em trazer e valorizar cada experiência e vivência dos sujeitos que constroem o ambiente pedagógico, tanto alunos quanto professores. A autora traz uma pedagogia que dá ênfase ao bem-estar, visando que todos são seres integrais, com vidas e experiências complexas, e que estas têm ligação com o ensinar-aprender. Em nosso lugar de professores, devemos valorizar a presença de cada aluno, pois a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento sendo participantes ativos, não consumidores passivos. Discutindo estes e demais outros tópicos, a autora nos faz pensar, questionar e criticar, assim como nos inspira a tentar sermos os melhores professores possíveis.

A leitura é bastante convidativa, te carrega, te conduz a um diálogo bastante potente, te envolve e te prende do começo ao fim de cada capítulo, te fazendo refletir, repensar. Com tamanha riqueza, o grupo de estudos acaba por intensificar essa discussão, pois ouvir os outros e compartilhar nossas falas, traz ainda mais aprendizagem, pois se torna uma construção coletiva de diálogo com a autora, com as pessoas, com o que está acontecendo hoje, sendo uma discussão bastante vívida, atual e necessária para todos nós.

O grupo de estudos do PET Pedagogia acontece uma vez na semana, onde realizamos a leitura prévia de um ou dois

capítulos em ordem cronológica para o nosso encontro, que acontece em nossa sala, que está sendo compartilhada com o PET Educação do Campo, no CED. Atualmente contamos com a participação dos bolsistas do PET e agora, para o próximo semestre, com outros dois estudantes do curso que se interessaram pela temática e livro. A partir desse estudo, podemos discutir mais sobre a ERER, bem como a prática dos professores, de nós enquanto futuros professores, de nossas atitudes. É uma experiência que só tem a agregar em nossa formação, que vai além da simples presença e participação na sala de aula nas matérias curriculares obrigatórias, pois permite a participação em outros lugares.

XIGUTSA XA VUTOMI – “CABAÇA DA VIDA”

Responsáveis

Lucas Daeni

Bolsista PET/Pedagogia/UFSC

Figura 20: *Cabaça da Vida*,
por Lucas DaEni.

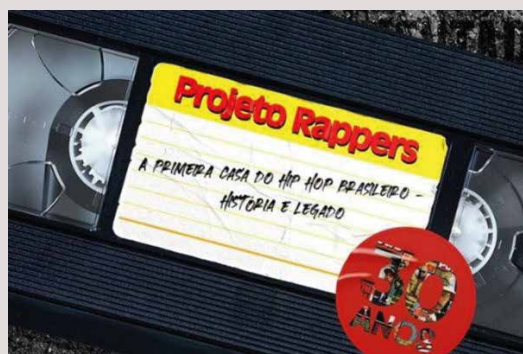
Fonte: Arquivo PET Pedagogia.

Nesta seção “Xigutsaxavutomi”, que, em língua Xangana, significa “Cabaça da Vida”, colocamos dicas de filmes, documentários, livros literários e teóricos sobre a temática da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER).



DOCUMENTÁRIOS/ FILMES

Projeto Rappers: A Primeira Casa do Hip Hop Brasileiro - História e Legado



“Contando a história do crescimento do Hip Hop, nesta sexta-feira (11), o Spcine, em colaboração com o Instituto Geledés, lança o documentário “Projeto Rappers: A Primeira Casa do Hip Hop Brasileiro – História e Legado”, em homenagem ao mês do Hip-Hop, que completa 50 anos. O documentário será lançado em uma sessão especial, no Circuito Spcine, com participação especial de Sueli Carneiro.

Com direção de Ildslaine Silva (Mc Sharylaine) e Clodoaldo Arruda, o documentário relata a união da juventude negra periférica de São Paulo e o feminismo negro

que deu origem ao Projeto Rappers, do Instituto Geledés, no final dos anos 1980, que ajudou para o crescimento da cultura Hip Hop.” (FONSECA, 2023). (Lucas Daeni - Bolsista PET Pedagogia/UFSC).

REFERÊNCIAS

FONSECA, Michael. Spcine lança “Projeto Rappers: A Primeira Casa do Hip Hop Brasileiro - História e Legado” em homenagem aos 50 anos do Hip Hop. Mundo Negro, 2023. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/spcine-lanca-projeto-rappers-a-primeira-casa-do-hip-hop-brasileiro-historia-e-legado-em-homenagem-aos-50-anos-do-hip-hop/>>. Acesso em: 25 de ago. de 2023.

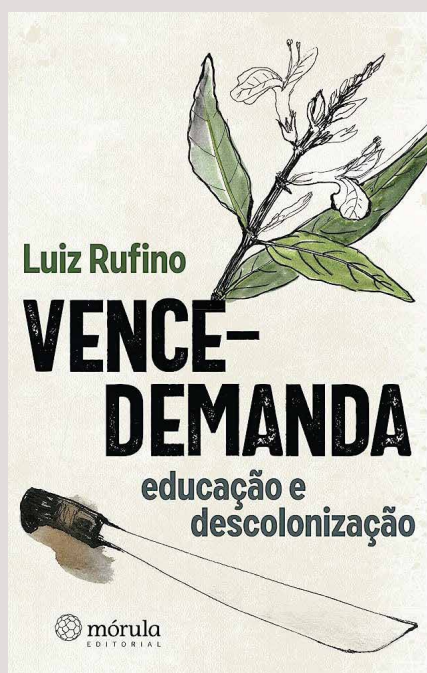
MÚSICA

Reverência GrooVI

Essa sem dúvida é a música - um reggae - mais informativa, prazerosa, consciente e surpreendente que ouvi nos últimos tempos. Agradeço profundamente ao meu mano Guilherme Evangelista que me trouxe essa indicação. E você que me lê vai me agradecer da mesma forma depois que aceitar o convite e escutar essa sagrada manifestação da música. Não posso dizer mais nada além de: escute agora! (Lucas Daeni - Bolsista PET Pedagogia/UFSC).



LIVROS



Vence demanda: educação e descolonização

Em *Vence-demanda: educação e descolonização* (2021), o professor doutor em Educação Luiz Rufino, nos conduz a um diálogo com suas críticas à Educação como ferramenta de dominação colonialista e capitalista. E ao mesmo tempo, com suas reflexões sobre a potencialidade da Educação como uma ferramenta para a descolonização. Segundo o autor, o colonialismo instaurou um estado de guerra que não se findou, (RUFINO, 2021, p.27), o qual vem atuando continuamente no campo subjetivo e ideológico, através do apagamento de culturas e saberes e da imposição e perpetuação do modelo colonial eurocêntrico, que visa o poder e a dominação através da exploração da vida em todas as suas dimensões. A leitura deste livro nos encoraja a abrir os olhos e perceber esse estado de guerra. E mais que isso, a tomar nossa posição nele assumindo perspectivas de ação combativas ao aprisionamento cognitivo ao qual o eurocentrismo nos subordina. (Aline Rosa de Abreu - Bolsista PET Pedagogia/ UFSC).

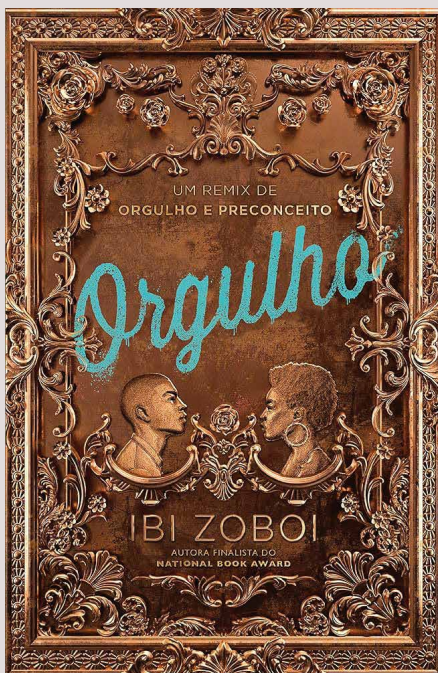
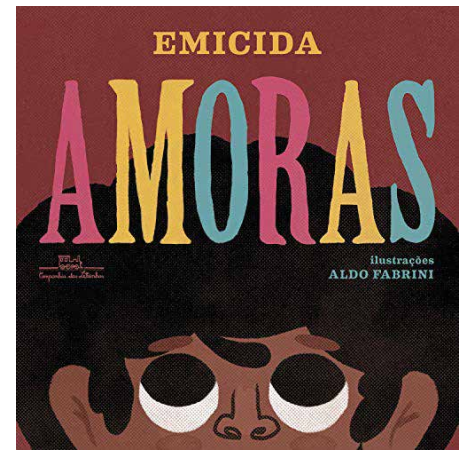
No dia Molhado Faz Sol

No Dia Molhado Faz Sol é o primeiro livro de poesia da ilustríssima Eliane Debus, autora premiada e de vasta produção literária, com destaque para os últimos *Antonieta* e *Triolé Triolé*, *Poemas de Cruz e Souza*, além de ex-tutora deste Programa PET Pedagogia. Com poemas sensíveis, viscerais e eloquentes, a autora nos encharca de sol, afeto, melanina e corpo; além de segredos ancestrais na linguagem dos Adinkras espalhados por todo o livro. E aí, vai aceitar esse mergulho no sol? (Lucas Daeni - Bolsista PET Pedagogia/ UFSC).



Amoras

A educação para as relações étnico-raciais tem de estar presente na educação de nossas crianças, uma vez que se constitui necessidade e um direito delas. Através de linhas poéticas, o primeiro livro do rapper Emicida - "Amoras", ilustrado por Aldo Fabrini e publicado pela editora Companhia das Letrinhas, no ano de 2018, convida o leitor de maneira acolhedora a se debruçar sobre uma bela história que traz esse tema da negritude e representatividade negra, tão importantes. (Camila da Silveira - Bolsista PET Pedagogia/ UFSC).



Orgulho

"Orgulho" é um romance escrito por Ibi Zoboi e se trata de uma recriação do clássico romance "Orgulho e Preconceito" de Jane Austen, ambientado nos dias atuais no bairro do Brooklyn, em Nova York, transportando os personagens, temas e dinâmicas sociais da história original de Austen para um contexto urbano contemporâneo. A trama ainda gira em torno de temas como amor, classe social e crescimento pessoal, mas também aborda questões relacionadas à raça, identidade, gentrificação e herança cultural. A protagonista é Zuri Benitez, uma jovem afro-latina que se orgulha de suas raízes e protege sua comunidade. O romance explora suas interações com a família Darcy, em particular Ainsley Darcy, que se muda para o bairro em processo de gentrificação. A história acompanha a evolução de seu relacionamento e os desafios que enfrentam devido às suas diferenças culturais e às tensões entre suas origens respectivas, destacando as complexidades da vida urbana moderna ao mesmo tempo em que mantém a essência da obra original de Jane Austen. (Manuely Amaral de Souza - Bolsista PET Pedagogia/ UFSC).

Tudo sobre o amor

O livro tudo sobre o amor, novas perspectivas de bell hooks, lançado 22 de dezembro de 1999, é um livro onde bell hooks fala em 13 capítulos as novas perspectivas do que é o amor sendo eles: clareza, justiça, honestidade, compromisso, espiritualidade, valores, ganância, comunidade, reciprocidade, romance, perda, cura e destino. Isso é mostrado nas relações familiares, nas amizades, nas lutas, no amor romântico, que para ela o amor é um ato político e que deve ser reconstruído e repensado o significado de amor. (Ariel Souza - Estudante Pedagogia UFSC).

